A EDUCAÇÃO INFANTIL DE ZERO A 3 ANOS

RENATA ALVES DE SOUZA GROSSI

RESUMO
A educação infantil de zero a três anos é um período crucial no desenvolvimento das crianças. Nessa fase inicial da vida, ocorrem transformações rápidas e significativas, tanto físicas quanto cognitivas e socioemocionais. É nesse contexto que a educação infantil desempenha um papel fundamental, proporcionando um ambiente adequado e estimulante para o crescimento saudável e o aprendizado das crianças. A educação infantil nessa faixa etária é reconhecida como uma etapa crucial para o desenvolvimento integral das crianças. Durante esses primeiros anos, elas estão construindo as bases de suas habilidades motoras, linguísticas, sociais e emocionais. Portanto, é essencial oferecer um ambiente que promova interações significativas, brincadeiras e estímulos adequados às suas necessidades. A instrução de menores de zero a três anos é um assunto frequente nos dias de hoje quando se aborda uma educação de excelência para todos. Defendemos a posição de que é imprescindível prestar mais atenção às crianças nesse intervalo etário, por ser um estágio crucial para o progresso e assimilação de princípios de aprendizado essenciais para elas. Desta maneira, é crucial que os escritos oficiais garantam um desempenho de alto nível nas instituições de cuidado infantil, com foco especial nas disparidades decorrentes de incapacidades já existentes e de situações socioeconômicas e culturais variadas. Especialmente ao lidar com o atendimento a indivíduos com incapacidades, distúrbios generalizados do desenvolvimento e capacidades elevadas/superdotação, é vital possuir competências específicas, adaptar os ambientes físicos e dispor de materiais distintos, de modo a atender às várias exigências das crianças.

Palavras-chave: Crescimento; Educação Infantil; Habilidades.

INTRODUÇÃO

A instituição educacional é um ambiente especialmente projetado para acolher crianças pequenas, sendo um local confortável, acolhedor, seguro, interativo, colorido, com elementos suspensos e murais.
As salas de aula são adequadas para receber as crianças, com móveis apropriados, carteiras e cadeiras, e os espaços lúdicos são os favoritos dos alunos, com uma variedade de materiais em diferentes formas para a descoberta e interação da criança.
No século XX, a educação infantil era vista apenas como cuidado, pois os adultos acreditavam que as crianças na primeira infância não eram capazes de compreender o mundo. No entanto, sabe-se agora que as crianças que frequentam uma instituição educacional se tornam mais ativas, pois são seres emocionais e cognitivos em constante desenvolvimento biológico e psicossocial, capazes de compreender a sociedade em que vivem.
De acordo com Henry Wallon,

"[...] precisa do outro para sobreviver, se movimentar, interagir com o mundo, distinguir e descrever cores e sons, sabores e odores, pegar e rolar, contar e significar o mundo, enfim, construir sua identidade pessoal e coletiva." (SILVA, PANTONI, 2009, p. 6)

O bebê requer a presença de um adulto para suas necessidades básicas de cuidados, higiene, alimentação, para explorar o mundo e construir sua identidade, mas o adulto também deve respeitar os momentos de autonomia da criança, pois ela precisa ter momentos de estar sozinha.
Compreendendo a importância tanto do cuidar quanto do educar, as instituições que recebem crianças cada vez mais jovens devem estar atentas às novas abordagens de cuidado e educação, garantindo que os ambientes estejam preparados para recebê-las.
A rotina e a organização do tempo devem respeitar o ritmo individual, pois, quando bem planejadas, além de proporcionar um ambiente propício para a aprendizagem, respeitam as características individuais de desenvolvimento, promovendo a autonomia do bebê.
O profissional deve observar constantemente os bebês, a fim de conhecê-los e compreender suas necessidades, respeitando os momentos de sono e alimentação. Esses mo-

mentos são essenciais para o avanço motor, cognitivo e emocional da criança. O profissional atua como mediador em situações, e para isso, a observação minuciosa contribui para que ele tenha discernimento sobre o que é necessário para a aprendizagem e bem-estar da criança. Ele busca os materiais adequados para o ambiente, conhece as melhores maneiras de receber os bebês quando chegam à sala de aula, reconhece quando a criança está doente, diferenciando seu estado de saúde dos dias normais, e assim sabe como acalmá-la.

Esse vínculo de comunicação entre a criança e o adulto possibilita uma convivência harmoniosa nas salas de aula e contribui para a formação de adultos futuros críticos, reflexivos e atuantes na sociedade.

Outro aspecto de extrema importância para a instituição é proporcionar momentos de interação entre os alunos, já que eles aprendem bastante uns com os outros. Geralmente, crianças mais velhas adoram cuidar dos bebês, permitindo-lhes visualizar o progresso que eles já fizeram, como se desenvolveram, e sentem-se importantes por serem úteis.

Esse sentimento é mútuo, pois os bebês também aprendem ao observar as crianças mais velhas, compreendendo as brincadeiras, a comunicação e a forma de locomoção.

Os bebês são seres ativos e merecem respeito, e cabe ao adulto observar seu desenvolvimento sem pressa ou saltando etapas motoras, pois a tentativa do adulto de acelerar o desenvolvimento da criança pode gerar instabilidade, dependência, medo e até mesmo choro. Por esse motivo, o adulto precisa apenas observar e respeitar o ritmo de cada criança, permitindo que ela supere cada etapa do desenvolvimento. Por exemplo, em uma situação em que a criança esteja deitada e se sinta desconfortável, ela deve ser capaz de retornar à posição anterior sem depender de um adulto, ou ser capaz de se alimentar de forma independente.

Antes de tocar em uma criança, o educador deve comunicar e informar o que fará, aguardando o consentimento da criança para ser tocada. Portanto, é essencial que a instituição estabeleça uma rotina bem definida, para que a criança consiga assimilar as atividades e o tempo que permanecerá na escola.

A comunicação desempenha um papel fundamental na compreensão do tempo para a criança, e quanto maior for a comunicação, mais diversificado será o vocabulário.

Os principais momentos para a comunicação incluem a higienização, a troca de fraldas e a alimentação, nos quais o adulto deve dedicar atenção exclusiva à criança, conversando e fortalecendo o vínculo afetivo entre criança e adulto, transmitindo a mensagem de que o educador estará sempre por perto para ajudar quando necessário. Essas atitudes contribuem para o avanço na fase de desenvolvimento em que a criança se encontra, pois ela se sente segura e confiante para superar seus limites.

AS CONTRIBUIÇÕES DE EMMI PIKLER PARA A EVOLUÇÃO DOS BEBÊS E DAS CRIANÇAS

Quando Pikler recebeu o convite para assumir a direção do abrigo, tinha três metas fundamentais que já embasavam sua vida pessoal e profissional:

> A primeira era comprovar que, mesmo no abrigo, era possível promover o desenvolvimento físico e psicológico da criança. A segunda consistia em observar atentamente o desenvolvimento do bebê, registrando cada pequeno avanço, por mais simples que fosse. Por fim, o terceiro objetivo era trabalhar para garantir o crescimento saudável das crianças, tanto física quanto psicologicamente, buscando um desenvolvimento satisfatório. (FALK. 2011, p. 22.)

A casa escolhida para abrigar o orfanato Lóczy não oferecia nenhuma condição para receber trinta e cinco crianças, e a maior preocupação de Emmi Pikler era com a equipe que trabalharia no local. Segundo ela, o pessoal resistia bastante a um novo estilo de trabalho que desconheciam. Por isso, ela contou com a ajuda de sua colega Maria Reinitz, uma educadora que auxiliou Pikler no orfanato.

Reinitz mencionava que as pessoas que foram contratadas tinham desconfiança de que o trabalho seria mecânico e automático, tanto nas trocas de fraldas quanto na alimentação. Não havia tempo dedicado às crianças, e quando questionadas, as respostas eram rápidas, dizendo que precisavam apenas arrumar as crianças e anotar alguma informação.

Insatisfeitas com esse tratamento, Pikler e Reinitz demitiram as profissionais contratadas e recrutaram pessoas sem experiência, mas com vontade de aprender sobre o desenvolvimento dos bebês.

Ensinar a dar atenção aos momentos de higiene, alimentação e conforto da criança tornou-se uma prioridade. Elas passaram a proporcionar carinho individualmente, com gestos delicados e voz suave, mantendo a calma e explicando tudo o que seria feito com a criança antes de tocá-la. Além disso, elas ficavam atentas aos gestos do bebê, observando se ele permitia ou recusava o toque em seu corpo, respeitando suas vontades. (FALK. 2011, p. 24.)

Também foi ensinado que as crianças aprendem observando os adultos, por meio de gestos, tom de voz e movimentos realizados por eles. Os bebês assimilam o que as educadoras fazem, e estas devem estar atentas às reações das crianças, evitando impor algo que elas não queiram realizar. Ou seja, é importante respeitar a vontade da criança no momento presente.
Os bebês são colocados no berço apenas quando vão dormir. Em outros momentos, eles ficam em outros ambientes na posição em que seus corpos são capazes de se manter, pois não se deve colocar uma criança em uma posição em que ela não consiga se mover sozinha.
Se a criança ainda não consegue sentar-se sem apoio, deve permanecer deitada até que seja capaz de girar e evoluir seus movimentos, fortalecendo o tônus muscular para conseguir sentar-se. Nesse processo, o adulto não deve interferir.

Para permitir o brincar livre, é necessário disponibilizar brinquedos adequados para a faixa etária da criança, em locais de fácil acesso para que ela possa pegá-los sem intervenção dos adultos. As educadoras devem registrar os avanços das crianças, mesmo que sejam atividades independentes de pequena escala. (FALK. 2011, p. 26.)

A abordagem de Pikler se baseia no estímulo da liberdade de movimento e na criação de vínculos afetivos com as crianças. As novas colaboradoras compreenderam que, além dos recursos materiais, dos ambientes, das vestimentas, dos brinquedos, da alimentação e da higiene adequada, é transmitida à criança uma sensação de segurança emocional, proporcionando-lhe tranquilidade e confiança em relação ao adulto.
É importante ressaltar que os momentos de afeto são particularmente intensificados durante as situações em que há um maior contato com a criança, como os momentos de higiene, alimentação ou sono. (FALK. 2011, p. 26 e 27).
Emmi Pikler almejava assegurar que as crianças acolhidas no instituto estabelecessem relações enriquecedoras, desenvolvessem o respeito por si mesmas e pelos outros, e estivessem preparadas para enfrentar o mundo com uma personalidade saudável, bem como um crescimento intelectual, afetivo, social e moral muito distinto dos orfanatos que se limitavam apenas aos cuidados básicos.

A CRIANÇA COMO SUJEITO
No momento atual, diversos estudiosos têm se dedicado a buscar novas teorias acerca do desenvolvimento infantil, com o objetivo de compreender os processos dessa fase, observando as experiências diárias das crianças.
O Instituto Lóczy fundamentava suas metodologias nos princípios estabelecidos por Vigotsky. (MELLO. SINGULANI. 2014, p. 880)
Os profissionais da área educacional precisam adotar uma abordagem educativa envolvente, na qual todos os agentes envolvidos nas instituições escolares respeitem o bem-estar da criança. Segundo Mello e Singulani citados por Vigotsky (2010, p. 695), "o ambiente desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança, [...] atuando como uma fonte de desenvolvimento".
A escola deve proporcionar meios para o desenvolvimento integral da criança pequena, utilizando o ambiente escolar como uma forma de aprendizado, pois é por meio do contato e convívio nesses espaços que ocorre a internalização e assimilação.
Esse ambiente deve promover segurança afetiva, construir condições para o avanço em seu desenvolvimento, bem como proporcionar confiança, estabilidade emocional e autonomia, preparando-os para se tornarem adultos seguros e confiantes.

"Para apropriar-se dos objetos e fenômenos que são produto do desenvolvimento histórico, é necessário desenvolver uma atividade que reproduza, em sua forma, os traços essenciais da atividade encarnada, acumulada no objeto." (LEONTIEV. 1978. p. 268)
Portanto, a escola deve oferecer aos bebês a oportunidade de interagir com objetos do cotidiano familiar, com diferentes texturas, formas e tamanhos. Os momentos de livre exploração vivenciados pela criança pequena representam o tempo em que ela entra em contato com esses aspectos culturais.
O educador tem a responsabilidade de proporcionar experiências que promovam o desenvolvimento da autonomia e personalidade da criança, sempre respeitando o ritmo de cada indivíduo. As crianças que são expostas a essa abordagem se tornam tranquilas, sentem-se mais livres e seguras, pois têm conhecimento do que acontece na instituição.

"A vivência é uma unidade na qual, de um lado, de forma indivisível, o ambiente, aquilo que é vivenciado, está representado - a vivência sempre está ligada ao que está situado fora da pessoa - e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade na vivência, tanto o que é extraído do ambiente, todos os elementos relacionados a uma determinada personalidade, quanto o que é extraído da personalidade, todos os traços de caráter, traços constitucionais relacionados a um determinado acontecimento. Dessa forma, na vivência, estamos sempre lidando com a união indivisível das particularidades da situação representada na vivência" (VIGOTSKI, 2010, p. 686).

A criança está constantemente aprendendo com o adulto, convivendo no ambiente escolar, adquirindo noção de tempo e espaço, e desenvolvendo-se. Quando o educador respeita o desenvolvimento da criança, estabelece uma conexão afetiva e de confiança, onde a aprendizagem é construída de forma simples e tranquila, permitindo que a criança desenvolva ao máximo sua personalidade e autonomia. Isso resulta em um adulto ativo, criativo e emocionalmente preparado.
Segundo Mújina (1990, p. 67), "a primeira necessidade social da criança é estabelecer um vínculo de confiança com seu cuidador". Rinaldi (1999) destaca que as crianças pequenas decodificam a comunicação do adulto, então é importante que o adulto aprenda a compreender a forma de comunicação utilizada pelo bebê, observando e compreendendo os sinais que a criança dá para ser tocada, pois, como mencionado por Vigotsky (2010), "a influência do ambiente no desenvolvimento da criança só pode ser compreendida e dimensionada através da relação que a própria criança estabelece com esse ambiente".
De fato, uma criança que está em um ambiente adequado e preparado para seu desenvolvimento consegue progredir mais rapidamente, pois existem elementos apropriados para assimilar, acomodar e apropriar, impulsionando seu desenvolvimento físico, intelectual e emocional.
Quando a criança está em um espaço adequado, suas necessidades são atendidas, ela pode fazer escolhas, passar por transformações, compreender a rotina e criar novas formas psicológicas e de personalidade, pois o educador compreende a fase em que a criança se encontra e prepara o ambiente para que ela vivencie essas mudanças e supere-as, tornando-as parte de sua vida.
No Instituto Lóczy, as cuidadoras recebiam orientações para dedicar a máxima atenção às crianças pequenas, registrando todos os detalhes relevantes, e reconheciam a importância do tempo destinado aos cuidados e à higiene como primordial.

“Tudo deve ser organizado, planejado, realizado e avaliado com o único objetivo de criar as condições favoráveis ao desenvolvimento harmonioso das crianças no interior do grupo, superando a situação ainda típica de muitas creches e instituições que acolhem crianças de zero a seis anos em que são tratadas não como sujeitos em processo educativo, mas como objeto de trabalho dos adultos.” (MELLO. SINGULANI. 2014. pág.9)

Nos dias atuais, há uma tendência na sociedade de querer acelerar as etapas do desenvolvimento infantil. Desejamos que os bebês se sentem antes mesmo de estarem preparados, que comecem a andar mesmo quando seus músculos ainda não estão fortalecidos e até

tentamos induzir as primeiras palavras antes do tempo adequado.
Essa pressa constante em pular as fases naturais do desenvolvimento pode resultar em incerteza e insegurança na criança, além de aumentar sua dependência em relação aos adultos. É por isso que muitas vezes observamos um maior número de episódios de choro. Por outro lado, quando respeitamos a criança como um ser ativo em seu próprio desenvolvimento e seguimos o ritmo de suas fases de crescimento, ela consegue se movimentar de forma independente e solucionar suas dificuldades sem a intervenção constante do adulto.

A INFÂNCIA E SUA HISTÓRIA

Ao longo da história, o conceito de infância foi muitas vezes visto como uma fase transitória, sujeita a transformações de acordo com as mudanças sociais. Um exemplo disso pode ser observado na antiga Roma, onde os laços familiares de sangue não eram considerados tão importantes quanto os laços afetivos. Isso resultava frequentemente em situações de abandono de crianças e adoções eram comuns nesse contexto (TOMAS, 2001, p. 69).

No Império Romano, as crianças eram confiadas desde cedo aos cuidados de amas de leite, cuja principal responsabilidade era garantir a educação e os cuidados das crianças. Nesse contexto, a educação formal era um privilégio concedido principalmente aos meninos, que eram confiados aos cuidados de pedagogos. Além de cuidar das crianças, esses profissionais tinham a tarefa crucial de proporcionar educação e boas maneiras aos jovens (ARIÉS apud TOMAS, 1960, p. 10).

Essa parte da educação tinha como objetivo preparar os jovens para o futuro, mas era conduzida com extrema severidade, sem demonstrações de afeto ou carinho, tanto por parte dos pais quanto dos professores ou demais responsáveis pela educação e cuidado das crianças.
Conforme mencionado, ao longo da história nem sempre existiu o conceito de infância, mas as crianças sempre estiveram presentes na sociedade, independentemente da percepção que os adultos tinham delas.

De acordo com os estudos de Ariès, na Idade Média, a visão da criança era desconsiderada e seu processo de desenvolvimento não era levado em conta. Segundo Ariès (1981), a infância era desvalorizada, pois era uma fase que passava rapidamente, resultando na inserção precoce das crianças no mundo adulto, onde eram obrigadas a desempenhar tarefas próprias dos adultos.
Durante o período medieval, havia uma falta de valorização dos sentimentos relacionados à infância. As crianças eram introduzidas precocemente no mundo adulto, por volta dos seis ou sete anos de idade, e mergulhavam completamente nesse universo. Não havia nenhum tratamento diferenciado para atender às suas necessidades específicas, considerando sua pequena idade, fragilidade e inocência. Nessa concepção, não eram demonstrados ou transmitidos vínculos afetivos, sendo enfatizada apenas a ordem e a obediência que os pais esperavam. Isso era considerado fundamental para manter uma família organizada, de acordo com os padrões da época. O afeto, o carinho, o amor e os cuidados oferecidos às crianças eram vistos como algo prejudicial às famílias e à sua boa ordem.
Esse contexto de desvalorização era resultado de diversos fatores, como as precárias condições de vida das famílias, a alta taxa de mortalidade infantil, o grande número de membros na família e a pouca interação dos pais com as crianças (já que esse papel era delegado a outras pessoas, como amas de leite ou outras mulheres).
Esses fatores contribuíam para perpetuar a desvalorização da figura infantil ao longo de um extenso período histórico. É notável, nos estudos sobre a construção histórica e o conceito de infância, que as crianças nunca desfrutaram plenamente de seus direitos.
A desvalorização da infância era claramente evidente em todos os aspectos da sociedade, inclusive na Arte Medieval, onde as pinturas retratavam as crianças como adultos em miniatura, ou seja, eram representadas com características adultas, mas em tamanho reduzido. Como afirma Ariès (1981, p. 52), "a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança era logo perdida".
Portanto, não era considerado necessário que os adultos valorizassem o modo de pensar e os sentimentos que as crianças possuíam.

Segundo Ariès (1981), o conhecimento e os valores expressados pelas crianças eram meramente transmitidos pelos adultos, e as crianças só precisavam aprender o que fosse necessário e essencial para auxiliar os adultos.

Não havia uma distinção clara entre casa e trabalho, nem entre o mundo da infância e o dos adultos. Além disso, não havia preocupação com a formação das crianças, pois não existia uma ideia clara de infância como a conhecemos atualmente (CORSO; CORSO, 2006, p. 26).

Ou seja, não havia preocupação em compreender e aceitar as diferenças e semelhanças das crianças, pois elas não eram vistas como tendo originalidade em seu pensamento.
Eram consideradas como páginas em branco, a serem preparadas e preenchidas para a vida social.
Com base nisso, podemos observar que a sociedade da época não atribuía relevância à fase da infância no desenvolvimento das crianças. Ariès (1981) destaca que o objetivo principal da estrutura familiar era preservar os bens materiais, sem valorizar os laços afetivos ou familiares. As demonstrações de afeto ocorriam fora do ambiente familiar.
Somente no final do século XVII, com a influência da Igreja Católica e seu papel na educação, as crianças passaram a ter um novo espaço de convivência. A família começou a estabelecer laços afetivos com as crianças e a dar importância ao seu desenvolvimento e educação.
A família passou a se organizar em torno da criança, conferindo-lhe tal importância que era impossível perdê-la ou substituí-la sem causar grande dor. A criança deixou de ser reproduzida em grande número, e seu cuidado passou a ser limitado para garantir um cuidado melhor (Ariès, 1981).
Nesse novo contexto, o conceito de infância passou a ser considerado e valorizado. As crianças passaram a representar um valor e uma identidade própria dentro da sociedade (Tomas, 2001). Essa mudança teve implicações importantes tanto para a sociedade quanto para a família. Agora, a decisão de ter filhos passou a ser planejada, e a relação entre pais e filhos envolvia cuidado e serviço mútuo, em contraste com o descaso do passado.

Apesar do reconhecimento da importância da infância, foi somente em 1959 que a Declaração dos Direitos da Criança foi promulgada pela Assembleia Geral das Nações Unidas.
No entanto, apenas em meados do século XX, com a adoção da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança pela ONU em 1989, a criança passou a ser considerada um cidadão com direitos (Tomas, 2001).
Desde então, o olhar sobre a infância tem se transformado, tanto no contexto educacional quanto no familiar. A criança passou a ser vista como parte integrante da sociedade, necessitando de cuidado, carinho e atenção. Hoje, reconhece-se que as crianças precisam brincar, estudar e viver em um contexto próprio, construindo seus conhecimentos por meio das experiências vivenciadas.
Portanto, para que as crianças possam ter suas experiências, é necessário um ambiente e práticas que valorizem e facilitem seu crescimento e desenvolvimento como membros da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação infantil deve ser voltada para o desenvolvimento global da criança, considerando suas características individuais e respeitando seu ritmo de aprendizado. É por meio de experiências sensoriais, interações afetivas e brincadeiras que as crianças exploram o mundo ao seu redor, constroem conhecimentos e desenvolvem habilidades essenciais para a vida.
Os profissionais que atuam na educação infantil de zero a três anos desempenham um papel fundamental. Eles são responsáveis por criar um ambiente acolhedor, seguro e estimulante, onde as crianças se sintam amadas, cuidadas e respeitadas. Esses educadores devem ser sensíveis às necessidades individuais de cada criança, proporcionando atividades adequadas ao seu estágio de desenvolvimento.
Durante essa fase, a linguagem desempenha um papel de destaque. Os educadores devem estimular a comunicação oral e a linguagem expressiva das crianças, promovendo interações verbais significativas e oferecendo um ambiente rico em estímulos linguísticos. Além disso, é importante valorizar a expressão criativa das crianças por meio de desenhos, pinturas e outras formas de expressão artística.

A educação infantil de zero a três anos também deve envolver a parceria com as famílias. Os pais e responsáveis são os primeiros educadores das crianças e possuem um papel fundamental no seu desenvolvimento. O diálogo aberto e a colaboração entre família e escola são essenciais para garantir uma educação de qualidade nessa fase inicial da vida. Nesse sentido, é importante ressaltar que a educação infantil de zero a três anos não se trata apenas de cuidar das crianças, mas sim de educá-las de forma integral. É um período de descobertas, exploração e aprendizado, em que as crianças constroem as bases para seu desenvolvimento futuro. Portanto, investir na qualidade da educação infantil nessa faixa etária é investir no futuro das crianças e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS. Philipe. História social da criança e a família. São Paulo, perspectiva, 1986.
BARBOSA. M. C. S. RICHTER. S. R. S. DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 0 A 3 ANOS - QUAL CURRÍCULO PARA BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS? Salto para o futuro. Apresentação da série Educação de crianças em creche. Ano XIX – Nº 15 – Outubro/2009 – Secretária de Educação a Distância.
CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. 11. ed. – São Paulo: Scipione, 2009.
CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no Divã: psicanálise nas Histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.
DIDONET, Vital. Educação Infantil. Humanidades, Brasília, n, 43, 1991, p. 89-98.
FALK.J. Educar os três primeiros anos. A experiência de Lóczy, Araraquara, SP – Editora Junqueira&Marin, 2011.
MELLO. S. A. SINGULANI. R. A. D. A abordagem Pikler-Loczy e a perspectiva histórico-cultural: a criança pequenininha como sujeito nas relações. Perspectiva, Florianópolis, v. 32, n. 3, p. 879 - 900, set./dez. 2014.
TOMAS, Catarina Almeida. A transformação da infância e da educação: algumas reflexões sócio-histórica.Pidéia Ribeirão Preto,v.11, n.21.2001/ Disponível em:<http:www.scielo.br/sccielo.php?pid>.Acesso em: 20 de jun. 2024.
VIGOTSKY, Lev Semenovitch. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1992.